



O EXISTIR NA PELE PRETA: CONTRIBUIÇÕES DE FANON PARA A PSICOLOGIA EXISTENCIAL

The Existence in a Black Skin: contributions of Fanon for the Existential Psychology

GUSTAVO ALVARENGA OLIVEIRA SANTOS *

El Existir con piel negra: contribuciones de Fanon para la Psicología Existencial

Resumo: O presente texto discute a questão da diferença ontológica, segundo a perspectiva dos pensadores decoloniais e sua importância para a Psicologia Existencial. Em um primeiro momento, o artigo argumenta que a Psicologia Existencial deve se atentar para a ontologia do colonizado, uma vez que as bases filosóficas na qual se embasa é prioritariamente europeia e desconsidera as especificidades da experiência pós-colonial sob o ponto de vista do colonizado. Essa experiência foi descrita pelo psiquiatra martinicano Franz Fanon, cuja obra pode embasar a construção de uma Psicologia Existencial anti-racista. Entende-se que o racismo é constitutivo da modernidade-colonialidade estando contido nas ontologias europeias desde a moderna, como a de Descartes, à contemporânea como a proposta por Heidegger. Fanon propicia um desvelamento desse racismo estrutural na filosofia moderna, ao realçar a experiência do preto colonizado o que, segundo os autores do movimento decolonial como Dussel, Maldonado-Torres e Alberto Quijano, contribuiu para a consolidação desse movimento. O texto conclui realçando a importância de uma Psicologia plural e atenta à diversidade das experiências.
Palavras-Chaves: Pensamento Decolonial; Psicologia Existencial; Racismo; Ontologia.

Abstract: This text discusses the issue of ontological difference, according to the perspective of decolonial thinkers and its importance for Existence Psychology. At first, the article argues that Existential Psychology should pay attention to the ontology of the colonized, since the philosophical bases on which it is based are primarily European and disregard the specificities of the post-colonial experience from the point of view of the colonized. This experience was described by the Martinican psychiatrist Franz Fanon, whose work can support the construction of an anti-racist Existential Psychology. It is understood that racism is constitutive of modernity-coloniality being contained in European ontologies from the modern, such as Descartes, to the contemporary as proposed by Heidegger. Fanon provides an unveiling of this structural racism in modern philosophy, by highlighting the experience of colonized blacks, which, according to the authors of the decolonial movement like Dussel, Maldonado-Torres and Alberto Quijano, contributed to the consolidation of this movement. The text concludes by emphasizing the importance of a plural Psychology and paying attention to the diversity of experiences.

Keywords: Decolonial Thought; Existential Psychology; Racism, Ontology.

Resumen: Este texto discute el tema de la diferencia ontológica, de acuerdo con la perspectiva de los pensadores decoloniales y su importancia para la psicología de la existencia. Al principio, el artículo argumenta que la Psicología Existencial debería prestar atención a la ontología de los colonizados, ya que las bases filosóficas en las que se basa son principalmente europeas y no tienen en cuenta las especificidades de la experiencia poscolonial desde el punto de vista de los colonizados. Esta experiencia fue descrita por el psiquiatra martinicano Franz Fanon, cuyo trabajo puede apoyar la construcción de una psicología existencial antirracista. Se entiende que el racismo es constitutivo de la modernidad-colonialidad contenida en las ontologías europeas desde lo moderno, como Descartes, hasta lo contemporáneo como lo propone Heidegger. Fanon ofrece una revelación de este racismo estructural en la filosofía moderna, al destacar la experiencia de los negros colonizados, que, según los autores del movimiento descolonial, como Dussel, Maldonado-Torres y Alberto Quijano, contribuyó a la consolidación de este movimiento. El texto concluye enfatizando la importancia de una psicología plural y justa con la diversidad de experiencias.

Palabras clave: Pensamiento Decolonial; Psicología Existencial; Racismo; Ontología.

* Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
Email: gustalvarenga@hotmail.com. Orcid:
0000-0002-5440-3265



Introdução

A Psicologia Existencial surge como uma reação crítica aos paradigmas psicológicos vigentes no século XX, que eram entendidos como deterministas e, portanto, limitados em suas concepções de ser humano. Segundo Rollo May (2000), a Psicologia carecia de uma antropologia mais ampla, e essa foi buscada nas filosofias da existência e na fenomenologia-existencial e hermenêutica, herdeira do pensamento de Husserl, Heidegger, Sartre, entre outros. Esse caminho levou a Psicologia ao terreno da ontologia, pois uma antropologia mais ampla requer que se recoloca a questão do Ser no seio do pensamento filosófico moderno.

A despeito das distintas escolas de pensamento que reivindicam para si o termo Existencial, o termo *Dasein* proposto por Heidegger (2005) como o ente que desvela o modo de ser do humano, serviu como uma concepção que desvela um novo modo de compreensão da realidade. Dessa forma, a Psicologia Existencial pôde fazer frente aos determinismos mecanicistas presentes na Psicanálise, no Behaviorismo e nas escolas organicistas da psiquiatria (May, 2000).

É importante ressaltar que algumas escolas psicoterapêuticas como a *Daseinsanalyse* ou a Análise Existencial são mais próximas ao pensamento heideggeriano, optando pelo uso do termo em seu original alemão, enquanto outras o traduzem para os idiomas latinos, trazendo termos como ser-no-mundo, presença, existente, entre outros. Cabe dizer também que, embora Heidegger seja o ponto de partida ontológico dessa empreitada, outros filósofos, mais ou menos críticos a esse autor, também embasaram novas possibilidades de compreensão do ser humano, sendo esses, em sua maioria, de origem francesa, como Sartre, Merleau-Ponty e Michel Henry.

Também existem escolas psicoterapêuticas que, embora não tenham sido influenciadas diretamente por nenhum filósofo ou pensador das correntes fenomenológicas ou existenciais, admitem o termo existencial, pela semelhança de pressupostos teóricos e concepções de humano. Nesse sentido, destacam-se a Logoterapia e a Gestalt-terapia.

Todos esses pensadores que se dedicaram a uma nova ontologia do ser humano que embasou a Psicologia Existencial como um todo, apostaram que, com sua crítica, haviam esclarecido o ser do humano como um todo, erigindo um ponto de partida único que, do ponto de vista ontológico, pudesse abarcar as diversidades ônticas. Ou seja, no afã de encontrar um ponto de partida não determinista que pudesse abarcar a condição humana de forma ampla e universal, o termo *Dasein*, utilizado na maioria das escolas psicoterapêuticas, serviu como um conceito que esclareceria a existência humana oferecendo um parâmetro para as análises das singularidades. O que esse artigo vem tratar diz respeito ao questionamento dessa universalidade ontológica contida na crítica à modernidade erigida por Heidegger. Se a filosofia heideggeriana reivindica uma ontologia que ultrapasse a modernidade, ela ainda não supera aquilo que constitui a modernidade desde o seu ponto macro-fundador qual seja; a modernidade não pode ser considerada apenas como uma evolução do humanismo europeu sobre o obscurantismo medieval.

Dussel (1994) defende que a modernidade se inicia desde a colonização das Américas, pois foi ela que permitiu que o chamado velho continente deixasse de ser a periferia do mundo dominado pelos árabes e chineses e se tornasse a cultura planetária hegemônica. Ou seja, não se pode pensar em Modernidade excluindo o fato histórico da colonização, que se inicia em 1492 e que propiciou à Europa a hegemonia social, econômica e cultural sobre os demais povos do planeta exercendo até hoje uma forma de poder sobre as ex-colônias entendida como colonialidade. Por isso, segundo Quijano (2000), é mais preciso se referir à Modernidade como modernidade-colonialidade, pois os dois processos são concomitantes e interdependentes.

Assim, aquilo que é considerado nos cânones como os trunfos da razão humana sobre o obscurantismo místico medieval, deve ser entendido como o trunfo do europeu sobre outros povos. Nesse sentido, a modernidade é o domínio de uma razão instrumentalizada de origem grega que naturaliza a escravidão, o domínio e a opressão do Outro. Surge então um problema ético central à era moderna, pois concomitante ao ressurgimento do humanismo, erige-se a idéia de um humano superior a outros igualmente humanos, o que acaba justificando o maior genocídio da história, a colonização das Américas e da África, segundo Dussel (1994).

Para Maldonado-Torres (2008) o maior esquecimento do pensamento europeu não foi precisamente o esquecimento da questão do Ser como priorizou Heidegger, mas o esquecimento da questão do Outro, para o autor:

As geopolíticas filosóficas de Heidegger eram ambiciosas, grandiosas e racistas. Como bem observa Bambach, Heidegger, não obstante opor-se ao racismo biológico dos ideólogos nazis, manteve, mesmo assim, uma forma de racismo (Bambach, 2003: 5). O seu racismo não é biológico, nem cultural, mas sim



epistémico. Tal como acontece com todas as formas de racismo, o epistémico está relacionado com a política e a socialidade. O racismo epistémico descarta a capacidade epistémica de certos grupos de pessoas. Pode basear-se na metafísica ou na ontologia, mas os resultados acabam por ser os mesmos: evitar reconhecer os outros como seres inteiramente humanos (Maldonado-Torres, 2008, p. 79).

Já para Dussel (2009) o cogito cartesiano, expressão maior da ontologia moderna, traz uma face oculta e pouco explorada pelos críticos da modernidade. O *Cogito Ergo* (Eu penso) só é possível junto ao *Ego Conquiro*. Para o filósofo argentino, ao formular o cogito, Descartes contemplava, no porto de Amsterdam, o poder que a Europa exercia sobre os demais povos graças à razão instrumental. Portanto, está embutido no pensamento cartesiano o pressuposto de racionalidade e de superioridade ontológica sobre os demais povos e culturas. Assim, se Eu sou porque conquisto e conquisto porque penso, logo os dominados não pensam e, portanto, não são.

A ontologia cartesiana, hegemônica da modernidade-colonialidade, mostra-se assim como uma forma de pensamento que exclui o Outro, em prol de um eurocentrismo que proclama como dominante o sujeito dotado de uma racionalidade capaz de dominar e controlar a vida, os outros povos e os demais entes, agora chamados de natureza. A superioridade ontológica do europeu é ilustrada por um sujeito racional pleno, que conquista e objetiva os outros que não são. Esse apagamento do Outro que se estabelece no processo de modernização-colonização é o que garantirá a formação de um sistema-mundo eurocêntrico imperialista, segundo Dussel (1994, p. 21):

Para Habermas, como para Hegel, el descubrimiento de América no es un determinante constitutivo de la Modernidad. Deseamos demostrar lo contrario. La experiencia no sólo del “Descubrimiento”, sino especialmente de la “Conquista” será esencial en la constitución del “ego” moderno, pero no sólo como subjetividad, sino como subjetividad “centro” y “fin” de la historia.

Segundo Maldonado-Torres (2007), a modernidade-colonialidade ao anular o Outro, inaugura a sub-ontologia, para o autor porto-riquenho a *Res Extensa* cartesiana diz respeito não apenas à natureza de modo geral, mas a todos os humanos considerados não racionais e, portanto, incapazes do pensamento racional instrumental, base do humanismo europeu. O negro, segundo Fanon (2008/1952), do ponto de vista branco eurocêntrico, é considerado essa parte irracional e bruta, e sua sub-ontologia é dada já na sua epiderme. Nesse sentido o preto não é, pois só existe na medida em que se presta a ser uma extensão do branco. Em sua obra *Peau Noire, Masques Blancs* ele tece uma longa argumentação em favor de uma diferença ontológica do preto que exploraremos em parte no presente artigo.

Pois bem, entramos na seara da diferença colonial, termo reivindicado pelos pensadores decoloniais pertencentes ao grupo Modernidade-Colonialidade. Há uma diferença na ontologia do colonizado em relação ao colonizador? O Dasein como ser próprio esconde o projeto humanista europeu? Nossa argumentação, seguindo Fanon (2015) em *Condenados da Terra*, é a de que a ontologia heideggeriana oculta a ontologia dos povos colonizados que acabam gerando, segundo esse autor, uma outra ontologia que é a do condenado. O preto existe de outro modo, portanto, para ser reconhecido como humano, é necessário um processo de libertação.

A Diferença Ontológica e o Preto Colonizado

A obra *Peau Noire, Masques Blancs*, publicada em 1952 de Franz Fanon, traduzida apenas em 1983 no Brasil com o título *Pele Negra, Máscara Branca*, desvela com grande precisão a diferença ontológica dos colonizados. No decorrer desse livro, Fanon demonstra a inferiorização do preto em relação ao branco na sociedade branca hegemônica e os mecanismos de defesa utilizados para compensar essa inferioridade à qual foi condenado desde os tempos da colonização. Baseado em sua experiência pessoal e em diversos autores da literatura Psicológica e Filosófica, como Adler, Jung, Freud, Sartre e Hegel, Fanon vai demonstrando, no decorrer dos capítulos, as diversas facetas dessa inferiorização presentes na linguagem, nas relações de gênero, nos traumas e constituições psíquicas profundas e na ontologia do ser preto em geral.

Para o que nos interessa demarcaremos como o autor situa a noção do ser preto em uma sociedade hegemonicamente branca e eurocêntrica, ou seja, a ontologia ou sub-ontologia do preto em relação ao branco. Embora esse tema seja tratado em todos os capítulos dessa obra, pois serve como pano de fundo a todos os processos de inferiorização já citados, no capítulo 5, intitulado “A experiência vivida do Preto” e no capítulo 7 cujo título é “O preto e o reconhecimento”, a questão ontológica é tratada de forma mais precisa. Para Fanon (2008/1952) a inferioridade do ser Preto se dá, não em relação a ele mesmo, mas como um ser-para-o-outro branco, assim nos diz o autor:

Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. Claro, bem que existe o momento de ser-para-o-outro de que fala



Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Parece que este fato não reteve suficientemente a atenção daqueles que escreveram sobre a questão colonial. Há, na *Weltanschauung* de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que proíbe qualquer explicação ontológica. Pode-se contestar, argumentando que o mesmo pode acontecer a qualquer indivíduo, mas na verdade está se mascarando um problema fundamental. A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deia de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco.” (p. 103-104)

Após a colonização branca os pretos perderam seus sistemas de referência para se situarem frente a um outro a quem deviam deferência. Assim, eles perderam, segundo o autor, sua consistência ontológica, pois frente ao olhar branco não eram considerados existentes. Quando estudante universitário na Europa, o preto já não é considerado como preto, mas como parte da sociedade branca. No entanto, seu papel de estudante só é revelado quando esse se apresenta, pois, sob o olhar branco, continua sendo um preto. Por isso, a condenação ontológica se dá no corpo que é desapropriado pela sociedade branca, no corpo se aponta algo que inferioriza o preto antes de ele ter a chance de se revelar como humano.

Segundo Fanon (2008/1952) o modo como o racismo aparece em relação aos de pele preta se distingue do racismo europeu contra os judeus, frente a esse último, do ponto de vista europeu, um judeu não traz na pele sua judeidade, o que é impossível de ocorrer com o preto. Ou seja, é na epiderme que se revela uma sub-ontologia o que afeta a disposição do preto sobre o seu esquema corporal, pois na cor de sua pele se desvela um ser sub-humano, inferior, quase-animal. Ao se referir a uma experiência própria, na qual uma criança branca aponta para ele como um ser inferior, Fanon (2008/1952, p. 107) descreve o seguinte:

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntando, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer.

Em outra parte do texto diz Fanon (2008/1952, p. 108):

O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse.”

A cor da pele preta faz de cada singularidade negra responsável por toda sua herança ancestral, inferiorizada e escravizada, do ponto de vista do branco europeu. No decorrer de *Pele Negra, Máscara Branca* Fanon demonstra que o exotismo, a proximidade com o animal e a natureza, vigor sexual e inferioridade intelectual, são características estereotipadas que, sob o olhar branco racista, estão contidos na pele preta. Assim, para não ser preto, o preto deve se esforçar para se desvelar para além desse olhar que o reifica e, quando bem sucedido, como aqueles que conseguem um título profissional, a cor da pele é relevada, sob o argumento de que determinado preto alcançou a máscara branca e obteve êxito ao negar sua origem inferior marcada em sua pele.

A pele preta demonstra então que, após a colonização, surge uma nova ontologia para a humanidade europeia, que se evidencia quando os colonizadores europeus se esforçam para embranquecer as peles e as metafísicas particulares na América e África recém conquistadas. Os sistemas de referência dos povos africanos, suas metafísicas, nos dizeres de Fanon, tendem a ser abolidas pela hegemonia do pensamento branco colonizador. Essa abolição, que não significa destruição, ocorre em várias dimensões, desde a estética, a ética, moral e, sobretudo na relação com o saber e o ser, o que fortalece a hegemonia do pensamento europeu sobre os demais. Segundo Quijano (2000) a colonialidade do saber, que diz respeito à hegemonização do saber europeu sobre outros saberes, traz junto a colonialidade do Ser, que diz respeito a esse domínio ontológico que aparece como apagamento do outro negro.

Maldonado-Torres (2007) entende que, a partir da obra de Fanon, uma outra categoria ontológica é desvelada, a dos *dammès*, condenados. Para apoiar seu argumento, o autor aponta três distinções ontológicas desveladas por autores da filosofia moderna; a diferença ontológica entre o ser e o ente, tratada por Heidegger, entre o ser e o Outro, desvelada por Levinás, e entre o Outro e o sub-outro, desvelada por Fanon. A Modernidade inventa essa categoria, inaugurando assim uma sub-ontologia. O Outro preto e indígena, que surgem com o mundo pós-colonial, não são simplesmente concebidos como inimigos do recém inaugurado império europeu, mas da concepção de uma espécie de sub-humano, evidenciado na cor de sua pele, segundo Maldonado-Torres (2007, p. 143):

El colonizado no es un Dasein cualquiera, y el encuentro con la posibilidad de la muerte no tiene el mismo impacto o resultados que para alguien alienado o despersonalizado por virtud del “uno”. El encuentro con la muerte siempre viene de alguna forma muy tarde, ya que la muerte está siempre a su lado



como ameaça continua. Por esta razão a descolonização, a des-racialização e a des-generação, em fim, a des-colonialidade, emerge, não tanto a partir de um encontro com a própria morte, mas a partir de um desejo por evadir a morte (não só a de um, mas também a de outros), como traço constitutivo de sua experiência vivida. Heidegger, sem embargo, perde de vista a condição particular de sujeitos no lado mais escuro da linha de cor, e o significado de sua experiência vivida para a teorização do ser e para a compreensão das patologias da modernidade. Ironicamente, Heidegger reconhece a existência de lo que llama el Dasein primitivo, mas no logra conectar con el Dasein colonizado. Em vez de fazer isto, toma o Homem europeu como modelo de Dasein, e olvida as relações de poder que operam na mesma definição de ser primitivo.

Portanto, se considerarmos essa diferença ontológica como marca da modernidade-colonialidade, é urgente que a psicologia existencial considere essa diferença ontológica. Argumentamos que seja possível uma psicologia existencial anti-racista, desde que ela considere que o racismo é algo estruturante à modernidade e necessita ser superado, por uma re colocação do problema ontológico do Outro, entendendo, portanto, a necessidade da libertação do Outro oprimido e negado, aliando-se à ideia de transmodernidade, proposta por Dussel (2009).

Possibilidade de uma Psicologia Existencial Anti-racista

Uma psicologia existencial anti-racista exige um profundo reconhecimento da função primária atribuída à cor da pele e seu significado existencial para o branco europeu. A construção de uma sociedade plural e de uma psicologia que se proponha a essa construção, requer mudanças profundas, pois o racismo está profundamente arraigado na cultura hegemônica. Assim nos diz Fanon (2008/1952, p. 161):

Na Europa, o preto tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más tendências, o lado obscuro da alma. No inconsciente coletivo do homem ocidental, o preto, ou melhor, a cor negra, simboliza o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra, a fome. Todas as aves de rapina são negras. Na Martinica que é um país europeu no seu inconsciente coletivo, quando um preto “azul” faz uma visita, exclama-se: “que maus ventos o trazem?”

Segundo o autor, o inconsciente europeu projeta na pele preta os aspectos não civilizados de sua cultura e, portanto, ela é concebida como o princípio do mal, ao mesmo tempo revela os aspectos da animalidade e da sexualidade. As alusões negativas à cor preta referendadas no pensamento popular demonstram isso, aceitar a cor dessa pele como humana como qualquer outra, transcendendo essa condição imposta, faz parte do esforço que a Psicoterapia Existencial deve fazer em relação aos pacientes de pele preta que a buscam.

Em termos existenciais o preto está ligado à angústia em relação ao nada terrorífico de um lado, mas também à incongruência existencial em relação ao corpo próprio por outro. Assumir a própria epiderme é, segundo Fanon (2008/1952) o maior desafio do preto, pois “Na sociedade antilhana, onde os mitos são os mesmos da sociedade de Dijon ou de Nice, o jovem negro, identificando-se ao civilizador, fará do preto o bode expiatório de sua vida moral” (p. 164). Assim ele se torna bode expiatório de si-mesmo, autocompensando sua inferioridade ontológica através de um egocentrismo exacerbado centrado na máscara branca, tornando-se alheio e indiferente às suas origens abolidas pela colonização.

O Preto fará de tudo, segundo Fanon, para manter a aparência branca até que um branco o devolva a seu lugar de Preto do qual ele irá se defender. Nesse caso, só há uma forma de Ser e essa é branca. O autor revela muita cautela com o processo de análise do Preto, pois nem todos estão prontos e são hábeis para descer às suas profundezas e reconhecer a sua pele como parte de si e, assim, reivindicar sua existência como preta. A maioria permanecerá na superficialidade branca, viverão como se fossem brancos, assumindo a cultura e a metafísica dos colonizadores.

Por outro lado, a libertação ontológica se dá quando o preto ousa descer às suas profundezas e matar o branco interior que lhe oprime enquanto existência livre, o branco interior é semelhante ao que Paulo Freire denomina como ter o opressor como hospedeiro dentro da subjetividade oprimida. Tal semelhança demonstra um mecanismo típico dos oprimidos de se identificar com o opressor querendo se tornar um deles (Freire, 2020/1974).

Matar esse branco significa revalorizar as origens pretas, suas metafísicas abolidas e reivindicar se incluir como rosto em um sistema social racista. Nesse sentido, a proposta analética da libertação de Enrique Dussel que prevê uma sociedade transmoderna corrobora com o proposto por Fanon ao propor a libertação existencial do preto.

Dussel (2007) entende que a inclusão do Outro colonizado se dá a partir do momento em que a modernidade e seu sistema-mundo hegemônico assimila a pluralidade dos povos colonizados em um patamar de semelhança e distinção. A semelhança diz respeito à analogia que há entre os humanos, analogia essa que se



expressa no reconhecimento desse Outro excluído como semelhante. O reconhecimento de que o colonizado é um semelhante humano não se dá sem uma dialética que reivindica sua liberdade, realçando assim sua distinção. Por isso deve haver, para Dussel (2007), equilíbrio e simetria no diálogo entre os saberes e ontologias entre os europeus e os povos colonizados. Não podemos pressupor uma sociedade plural se os saberes não europeus são simplesmente vistos como irracionais ou inferiores ao saber produzido pela ou na Europa.

Em uma Psicologia Existencial anti-racista precisamos, portanto, reivindicar a distinção e o lugar da história dos povos pretos, seus costumes, metafísicas e lugares ontológicos próprios como dignos de serem incluídos no sistema. Isso significa lutar por uma sociedade e cultura plural que, mais do que partir de uma idéia pré-concebida sobre o que é o ser humano, aposta que esse ser, aberto e indefinido, descobre-se quando se encontra como semelhante na diversidade do Outro. A evolução da modernidade deve avançar para a transmodernidade, uma proposta para um tempo em que a diversidade epistemológica, ontológica e econômica do sistema-mundo planetário seja considerada. De forma que os povos e suas respectivas metafísicas, antes subalternizados, possam ser considerados em condições de semelhança com o europeu, para Dussel (2007, p. 209):

Llamo por ello un programa «trans-moderno» al intento de partir del núcleo generador de nuevos desarrollos culturales, de la tradición viviente de las culturas Diferentes de la Identidad moderna, en diálogo con la Modernidad. El proyecto futuro no sería una cultura universal homogénea, única; sino un pluriverso diferenciado creación del indicado diálogo entre la tradición excluida de las grandes culturas (y aun las menos universales o secundarias) de la periferia postcolonial con al Modernidad occidental (una de las culturas hoy existente, la dominante y la que por su propia tendencia intenta destruir todas las otras culturas, aun por su mercado global, en el que las mercancías del capital transnacional son igualmente portadores materiales de cultura espiritual.

Na Psicologia Existencial devemos assimilar as especificidades ontológicas para além da universalidade proposta pelos autores europeus. Fanon adverte, por exemplo, que na ontologia preta a relação com o futuro e os projetos existenciais não é tão importante, como proposto pela psicologia existencial europeia. Para Fanon (2008), não há falta ou potencialidade de algo na consciência preta, ela é plena de si:

Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se assume como falta de algo. Ela é. Ela é aderente a si própria (Fanon, 2008, p. 122).

Desse modo, conceitos caros à Psicologia Existencial como a relação entre a angústia ontológica, a liberdade e os projetos de vida tornam-se relativos. Nesse sentido, a angústia enquanto desvela o nada da condição existencial e possibilita ao *Dasein* uma tomada de consciência de si em prol de sua autenticidade, é uma fórmula que não cabe em um esquema no qual a falta e a angústia sejam inerentes à condição humana, como apontado por Fanon na citação acima.

Kusch (1999) entende que o conceito de *Dasein* descrito por Heidegger desvela uma condição ontológica importante que se aproxima da forma como os nativos americanos, de modo geral, respondem à questão do ser traduzida pelo filósofo argentino como *mero-estar*. O autor entende que o surgimento da burguesia na Europa, criou a ilusão de que os humanos possam Ser como algo próprio, denominado por ele como *ser-alguém* e por isso Heidegger foi eurocêntrico, universalizando o ser próprio da burguesia europeia. A base histórica do *Dasein* autêntico refere-se ao *merchant* burguês que se desprende da tradição medieval e se arrisca em prol de algo que lhe é próprio. Essa propriedade de si, por não ter sido construída anteriormente, diz respeito prioritariamente ao futuro que é vazio, de onde lhe provém a angústia e a liberdade.

A consciência negra, por outro lado, está arraigada à sua determinação, seja por sua própria metafísica, a facticidade do ser negro, seja por já estar, de algum modo, inscrita e determinada no modo de ser-para-o-outro-branco. Ao se referir ao olhar de uma criança branca que sentia medo de sua pele negra, Fanon (2008, p. 105-106) descreve:

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, - e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo...

O branco enquanto se projeta em termos existenciais, é responsável por si-mesmo, enquanto o preto torna-se responsável por toda sua origem e história abolida e fetichizada pelo branco. No entanto, para se libertar dessa, o caminho não é simplesmente negá-la e se projetar de forma desprendida rumo a um nada incerto, como faz o burguês branco. Ao preto cabe matar o branco interior que o oprime e que faz com que defensivamente ele se projete como branco sem tê-lo sido.

Cabe então ao preto reconhecer-se como tal, rosto preto livre e seguro do seu ser sido. Resgatar, assim, a o valor do rosto preto como rosto humano, as tradições pretas, seus costumes e metafísicas como próprias à



sua herança. Conectar-se com a origem através do ritmo que reúne o Eu como parte individualizada de uma totalidade espiritual vem a ser uma das apostas da psicologia africana defendida por Akbar (1975). O autor busca elementos da cultura africana ancestral como potencialidades teóricas para a compreensão de uma subjetividade não descolada da totalidade cósmica e o ritmo como recurso terapêutico, capaz de propiciar o encontro dos Eus a essa totalidade, como se nota nas cosmologias africanas.

Para que uma Psicologia Existencial avance ao ponto de inserir em seu arcabouço teórico e metodológico o Ser Preto, é necessário que se entenda a proposta de Enrique Dussel em sua obra *Ética de la Liberación* (2009) na qual se propõe que a filosofia deve promover um método analógico e não analítico, para tanto ela não deve se encarregar de entender o Outro colonizado como um ente externo e exótico, mas analogizar suas distinções como próprias ao humano como um todo.

Qualquer concepção do que seja o humano antes disso, recai num eurocentrismo universalista que apaga e abole essas distinções, em prol da afirmação, naturalização e universalização do sujeito burguês europeu. Portanto, após séculos de colonização e colonialidade, o humano é ainda um ente a ser descoberto, mais do que concebido e moldado por um humanismo greco-centrado, eurocêntrico.

Considerações Finais

Após essas considerações a Psicologia Existencial é desafiada a sair da universalidade de um ser-burguês europeu para trabalhar numa perspectiva na qual o ser-sido se torna o mais relevante. Mergulhar nas profundezas do preto, requer recuperar a analogia de sua pele como pele humana que existe tal como outra. Significa recuperar a relação de si a si no espelho, promovendo a plena aceitação do que se vê.

Fanon (2007/1952) afirma que, em relação à constituição de seu Ego, o preto se espelha em um corpo branco. A profundidade com que se interroga é que deve servir de base para o terapeuta que deve se perguntar o quão disposto está o existente para aprofundar nesse narcisismo branco ilusoriamente construído. Portanto, para os profissionais terapeutas, não se trata de sempre por em cena essa questão, mas de acompanhar o sujeito em sua busca e, obviamente, entender seus efeitos sobre a sua subjetividade, como tende a ser o trato com qualquer sujeito e seus mecanismos de defesa. Vale lembrar que entre os mecanismos destacados por Fanon, o preto tende ao ódio de si, exacerbação de seu individualismo, negação de sua história e de seu ser-sido como um todo.

A escassez de leitura de autores de pele preta que falem de dramas pretos na nossa branca psicologia europeia faz com que profissionais subestimem os problemas e patologias relativos ao existir com a pele preta em um mundo hegemonicamente branco. Em uma pesquisa qualitativa sobre psicoterapia e racismo no contexto brasileiro Gouveia e Zanello (2019) entrevistaram pessoas negras atendidas por psicólogos brancos e constataram a falta de formação desses psicólogos para atender pessoas negras e lidar com as questões do racismo. Na mesma linha Veiga (2019, p. 245) entende que:

Os currículos de psicologia nas universidades brasileiras são impregnados de colonialismo, e os autores mais estudados são homens-brancos-europeus. Esses autores que são importantes na história ocidental da psicologia como ciência, e aqui me refiro à psicologia clínica construíram conceitos para manejar as subjetividades brancas com foco no sofrimento psíquico. A importação e incorporação direta das conceituações psicológicas e psicanalíticas produzidas na Europa desconstruíram a singularidade da marca, dos processos de subjetivação não-brancos e impõem uma nosologia à imagem e semelhança da subjetividade do colonizador.

Em muitos casos, nega-se o racismo estrutural da nossa sociedade e cultura ocidentalizada ou se subestima as vivências relativas a esse racismo tendo como pano de fundo o universalismo de uma existência europeia e branca. Em um trabalho de revisão bibliográfica sobre saúde mental e racismo, Damasceno e Zanello (2018) constataram a baixa produção brasileira sobre esse tema, demonstrando que a temática do racismo não é priorizada pela psicologia de forma geral e tampouco pelas demais disciplinas afetas à rede de atenção psicossocial no país.

Destarte a isso, autores pretos como a brasileira Neusa Sousa Santos e o estadunidense Wade Nobles apresentam saídas teóricas e metodológicas para a construção de uma psicologia preta. Souza (1983) valendo-se da teoria psicanalítica tece uma análise sobre as peculiaridades da psique preta e sua condição subalternizada pela sociedade brasileira. Já Nobles (2009) desenvolve o conceito de pulsão palmarina, inspirado em Zumbi dos Palmares, tal conceito refere-se ao desejo do preto em ser livre das amarras sociopolíticas que o prendem. A criação/revisão de conceitos da psicologia eurocentrada impulsiona o trabalho desses autores que buscam, cada um a seu modo, novas referências paradigmáticas para a inclusão da experiência preta nas teorizações da psicologia.

Embora a Psicologia Existencial possa ter em Fanon um crítico importante, pouco se tem produzido a partir de seus conceitos, a crítica à modernidade e sua ontologia hegemônica (a cartesiana) empreendida pelo pensamento europeu da qual a Psicologia Existencial é herdeira, mostra-se insuficiente para descrever a



existência preta. Por isso, argumentamos que a transmodernidade, programa histórico proposto por Dussel (2011) possibilita o diálogo analógico das diferentes concepções de humano presente nos distintos povos que compõem o globo. Assim, entendemos que autores como Fanon vem a contribuir no sentido de possibilitar uma compreensão mais clara da ontologia preta, desconsiderada pelos clássicos da psicologia e da filosofia.

Ler autores como Fanon nos alerta sobre a necessidade urgente de favorecer essa discussão em nosso meio, tão apático em relação às existências subalternizadas que tendem a ser tratadas como um problema social, negando a singularidade e subjetividade própria de um povo ou uma condição subalternizada. Uma psicologia existencial anti-racista deve tratar das existências pretas não como um produto de uma sociedade desigual, mas como singularidades distintas dotadas de interioridade, reflexão e modos de subjetivação.

Nesse sentido algumas iniciativas já foram empreendidas como o trabalho de Nascimento et al (2019) em que, baseado nos princípios teóricos da *Gestalt-Terapia*, descreve-se um grupo de acolhimento psicológico desenvolvido no *Núcleo de Psicologia Aplicada* da *Universidade Federal do Espírito Santo* formado prioritariamente por mulheres e homens negros no qual se trabalhou a consciência corporal como forma de propiciar um aumento da autoestima a partir do cuidado e reconhecimento de si. Outro trabalho empreendido por Maia, Zamora e Baptista (2019) abordou-se as manifestações do racismo na cidade fluminense de Campos dos Goytacazes tomando como base o existencialismo de Jean-Paul Sartre e a obra de Fanon. Esses trabalhos, entre outros que vão, aos poucos, ganhando espaço nos debates acadêmicos, demonstram a necessidade de trazer esse tema à tona, como aponta Veiga (2019, p. 249):

O encontro entre profissionais negros para revisitar bibliografias e produzir conhecimento sobre as subjetividades negras, bem como para supervisões clínico-institucionais coletivas é também estratégia de aquilombamento dentro do meio profissional e acadêmico ainda predominantemente branco da psicologia no Brasil. O encontro entre negros e negras é cura.

Aquilombar significa criar espaços próprios de legitimação de experiências singulares e reivindicações de espaços de inclusão a grosso modo, viver a transmodernidade proposta por Dussel. No prefácio de *Condenados da Terra*, Sartre em tom provocativo convoca os leitores europeus a ler com cuidado a obra de Fanon (2015/1968):

Vocês, tão liberais, tão humanos, que levam ao preciosismo o amor pela cultura, parecem esquecer que têm colônias e que nelas se mata em vosso nome. Fanon revela aos seus camaradas — a alguns deles, sobretudo, que estão um pouco ocidentalizados — a solidariedade dos «metropolitanos» com os seus agentes coloniais. Tenham, portanto, a coragem de o ler, porque essa leitura vos envergonhará e a vergonha, como disse Marx é um sentimento revolucionário. Como vêem, eu também não posso desligar-me dessa ilusão subjetiva. E, por isso, também lhes digo: “Tudo está perdido, a menos que...”. Como europeu, apodero-me do livro de um inimigo e converto-o num meio para curar a Europa. Aproveitemo-lo. (p. 8)

Na visão do filósofo francês, a cura da Europa e do projeto de mundo ocidental passa pelo reconhecimento da condição existencial dos colonizados e da libertação dessas sociedades. Os valores da burguesia européia, para se manterem, sem a hipocrisia, entre eles a liberdade, passa pela busca constante da libertação dos cativos de sua cultura. Nesse sentido a obra de Fanon alerta a Europa de sua doença.

Portanto, torna-se urgente colocar entre parênteses toda e qualquer concepção de humano, uma vez que concebamos o humano de tal ou qual modo estabelece-se uma hierarquia de mais ou menos humano segundo os critérios europeus. Isso não nos coloca sob um risco ético, se partirmos da consideração de que todos os humanos são semelhantes e distintos e, portanto, capazes de analogia e encontros, como proposto por Dussel (2011).

Cabe-nos apenas considerar que as psicologias européias respondem a problemas europeus, portanto são histórica e territorialmente situadas e para sua aplicação ou leitura em nossos territórios requerem, para sermos mais rigorosos uma descolonização. Descolonizar significa, para além da crítica, reivindicar o lugar da experiência e da legitimidade de nossas ontologias.

Referências

Akbar, N. (1975). *Papers in african psychology*. Florida: Mind Productions.

Damasceno, M. G; Zanello V.M.L. (2018). Saúde Mental e Racismo contra Negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 38, n. 3, pp. 450-464.

Dussel, E. (2009). *Ética de la Liberación*. Madrid: Trotta.

Dussel, E. (2011). *Filosofía de la Liberación*. Mexico: Fondo de Cultura Económica.



- Dussel, E. (2007). *Materiales para una política de la liberación*. Madrid: Plaza y Valdez Editores.
- Dussel, E. (1994). *1492 El encubrimiento del Otro: hacia el origen del mito de la modernidad*. La Paz: Plural Editores.
- Fanon, F. (2015/1968). *Los Condenados de La Tierra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Fanon, F. (2008/1952). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- Freire, P. (2020/1974). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gouveia, M; Zanello, V. (2019). Psicoterapia, raça e racismo no context brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em Estudo*, v. 24. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/42738>
- Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo. Parte I*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Kusch, R. (1999). *América Profunda*. Buenos Aires: Biblos.
- Maldonado-Torres, N. (2008). A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol 80, pp. 71-114
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del Ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. Em S. Castro-Gomés, S, R. Grosfoguel. (Orgs) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. (pp. 152-180). Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- Maia, K.S; Zamora, M. H; Baptista, R.F. (2019). Reflexões sobre o racismo em campos dos goytacazes: um olhar existencialista sobre a descolonização. *Revista de Psicologia*, v. 10. N.1. pp. 105-112.
- May, R. (2000). *A Descoberta do Ser: estudos sobre a psicologia existencial*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Nobles, W. (2009). Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. Em. NASCIMENTO, Elisa. (Org) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro.
- Souza, N.S. (1983). *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y America Latina. Em. E. Lander (Org) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. (pp. 115-138). Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- Nascimento, A.S; Souza, G.F; Silva, M; Oliveira, M.S. (2019). Pretitude e o afroperspectivismo em Psicoterapia: desafios para a abordagem gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 4, pp. 927-946.
- Veiga, L.M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: revista de psicologia*, v. 31, n. espc, pp. 244-248.

Recebido em 18.04.2020 – Primeira Decisão Editorial em 07.12.2020 – Aceito em 18.02.2021